

# DINAMICAS DA PAISAGEM: ENTRE A REALIDADE E O DESEJO

VOLUME II



**PEDRO FIDALGO**

(COORD.)

# DINAMICAS DA PAISAGEM: ENTRE A REALIDADE E O DESEJO

Pedro Fidalgo (coord.)

## AUTORES

Ana Carolina Correa Muniz	Hugo L. Farias	Maria João Centeno
Ana Clara Sizenando da Silva	Isabel Gadino	Maria Ligia Cassol-Pinto
Ana Cláudia Folmann	Isabel Loupa Ramos	Mariana Patty Guilger Primos
Ana Fernandes	Isabel Maria Madaleno	Mariana Rossi
Ana Kyzzy Fachetti	Isabela Cristina de Assis Berg	Marina Milito de Medeiros
Ana Moya Pellitero	Ivaldo Lima	Marina Romano Nogueira
Arildo Camargo	Jackelina Pinheiro Kern	Marta Enokibara
Armando Alonso Navarrete	Jeanne Almeida da Trindade	Marta Heleno Viana
Armando Jorge Caseirão	Joana Capela de Campos	Matheus Aguiar Coelho
Armida de la Garza	João Gomes de Abreu	Melissa Mota Alcides
Carla Rolo Antunes	Jorge Henrique Silva	Micheline Cot Marcos
Carlos Augusto Ribeiro	José Alberto Pais	Miguel Centellas Soler
Carlos Gonçalves Terra	Josemary Ferrare	Mirela Duarte
Carlos Vargas	Judite Bueno de Camargo	Moisés Bazán de Huerta
Carmen Diez González	Juliana Coelho Loureiro	Nathalie Carcaud
Clara Queiroz da Costa	Juliana Santos Menezes	Noêmia de Oliveira Figueiredo
Claudia Machado Mattiuz	Karina Andrade Mattos e	Norma Truppel Constantino
Claudia Lillo	Karla Hinojosa de la Garza	Patrícia Alves Silva
Cláudia Maria França da Silva	Kathia Lopes Pivetta	Patrícia Duarte de Oliveira Paiva
Cristiane Maria Magalhães	Larissa Benetasso Chioda	Paula Gomes da Silva
Daniel Jesús Reyes Magaña	Larissa Donato	Paula Vanessa de Faria Lindo
Desidério Batista	Leonardo de Melo Jorge	Paulo José Lisboa Nobre
Dominikki da Rocha Brandão	Lourenço José Moreira	Pedro Fidalgo
Elisa Gallego Picard	Lucas Perías	Philippe Nicod
Esdras Arraes	Lucilia Urda	Rafael de Brito Sousa,
Ester Higuera	Lúcio Cunha	Rafaella Fonteles Castro Pint
Fábio Sales Nogueira	Luis Ribeiro	Raphael dos Santos Filho
Félix Martínez Sánchez	Luisa Acioli dos Santos	Raquel Magalhães Leite
Fernanda Gueiros	Mafalda Rodrigues Castilho	Reginaldo José de Souza
Fernanda Moço FOLONI	Margareth Afeche Pimenta	Ricardo de Barros Wanderley
Flávia Campos Cerullo Dias	Maria Angélica da Silva	Ricardo Pereira Rodrigues
Germán Gil Curiel	Maria Clara Amado Martins	Roseline Vanessa Oliveira
Giovana Sgobbe	Maria Cristina Franca Melo	Rui Fernandes Povoas
Giuliano Torrieril Nigro	Maria da Graça Saraiva	Susana Morais
Helena Figueiredo Pina	Maria de Fátima Lambert	Taís Affonso Rehder Tanus
Helena Freitas	Maria Eugênia Ferreira	Tamires Cassella
Hugo Guimarães Sampaio	Maria Fernanda Serrano Sartori	Teresa Lúcio Sales

**DINAMICAS DA PAISAGEM:  
ENTRE A REALIDADE E O DESEJO**

**IMAGEM CAPA**

Lucas Péries

**EDITA**

HTC - História, Territórios, Comunidades  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa

**LOCAL**

Lisboa

**DATA**

Abril de 2021

**ISBN**

978-989-53106-0-9

**DINAMICAS DA PAISAGEM:  
ENTRE A REALIDADE E O DESEJO**

**VOLUME II**

## ÍNDICE DO VOLUME II

Elisa Gallego Picard <b>El territorio significativo y la seducción del paisaje. La necesidad de sistematizar un conocimiento del território .....</b>	<b>8</b>
Esdras Arraes <b>Paisagem em cartas: Carus e a estética da natureza .....</b>	<b>27</b>
Fábio Henrique Sales Nogueira e Roseline Vanessa Santos Oliveira <b>Entre o atual e o virtual: experiências de (re)conhecer a cidade .....</b>	<b>43</b>
Ester Higuera <b>Analysing the sense of the place, as a cultural and environmental dialogue .....</b>	<b>45</b>
Félix Alfonso Martínez Sánchez, Armando Alonso Navarrete y Karla María Hinojosa de la Garza <b>La Casa de Cortés y el Pueblo-Huerto - Proyecto paisajístico para su recuperación patrimonial .....</b>	<b>62</b>
Fernanda Gueiros, Jorge Henrique Silva, Josemary Ferrare e Marta Heleno Viana <b>O projeto de revitalização urbana do centro histórico de Marechal Deodoro - Alagoas - Brasil .....</b>	<b>91</b>
Fernanda Moço FOLONI, Karina Andrade Mattos e Norma Regina Trumppel Constantino <b>Trilhando a paisagem: Rios e ferrovias no oeste Paulista .....</b>	<b>110</b>
Flávia Campos Cerullo Dias e Melissa Mota Alcides <b>O Recife das águas: Memória e (re)conhecimento da paisagem habitada .....</b>	<b>133</b>
Germán Gil Curiel <b>El jardín en la literatura de lo sobrenatural .....</b>	<b>155</b>

Helena Figueiredo Pina, João Gomes de Abreu, Maria João Centeno e Ricardo Pereira Rodrigues <b>Museu da Paisagem: uma plataforma participativa e geradora de conhecimento, representações e diálogos sobre a paisagem</b> .....	168
Helena Freitas <b>Respeitar a natureza e os seus limites</b> .....	190
Hugo L. Farias <b>A Casa na Paisagem, a Paisagem na Casa. A relação entre Arquitectura e Paisagem em três casas paradigmáticas do século XX</b> .....	192
Isabela Cristina de Assis Berg <b>O ambiente dos monumentos, a paisagem dos ambientes: uma leitura do pensamento e da prática de Gustavo Giovannoni na tutela de sítios de valor patrimonial</b> .....	208
Isabel Gadino <b>Paisajes costeros en Uruguay: impactos y alternativas de una historia marcada por el turismo residencial</b> .....	227
Isabel Maria Madaleno <b>Paisagem Cultural de Agustina Bessa-Luís</b> .....	248
Ivaldo Lima <b>Senescape: A Paisagem do Envelhecimento Ativo sob um Prisma</b> .....	261
Jackelina Pinheiro Meira Kern <b>Paisagens ribeirinhas: cidades, arquitetura e história nas margens do rio São Francisco</b> .....	275
Jeanne Almeida da Trindade e Carlos Gonçalves Terra <b>Árvore, tempo, cidade e a sintaxe dos jardins públicos</b> .....	293
<b>Notas curriculares</b> .....	309

**MUSEU DA PAISAGEM:**

**UMA PLATAFORMA PARTICIPATIVA E GERADORA DE CONHECIMENTO,**

**REPRESENTAÇÕES E DIÁLOGOS SOBRE A PAISAGEM**

Helena Figueiredo Pina, João Gomes de Abreu,  
Maria João Centeno e Ricardo Pereira Rodrigues

**Resumo:** O entendimento coletivo do que designamos por Paisagem advém de áreas do conhecimento tão diversas como a Geografia, Filosofia, Arte, Ecologia ou Comunicação e do que cada indivíduo vai construindo a partir da sua experiência quotidiana. Não sendo a maioria dos indivíduos estudiosos ou especialistas em paisagem, é possível identificar e analisar alguns dos principais construtores de opinião e transformadores do significado de Paisagem.

O cinema ficcional, cinema documental, produção televisiva (documentários, ficção e informação), fotografia (através da comunicação social, livros, guias de viagem, campanhas de turismo, exposições, *social media*, etc.), desenho, ilustração, infografia e outros modos de registo e representação da paisagem contribuem, em conjunto, para a construção desse entendimento coletivo sobre a Paisagem. No projeto de investigação “Narrativas e Experiência do Lugar: Bases para um Museu da Paisagem” foram várias as opções de registo e representação da paisagem utilizadas nos conteúdos de mediação museológica desenvolvidos. Séries de vídeo, fotografia e ilustração contribuíram para diferentes soluções de comunicação criadas no sentido de uma sensibilização e educação para uma cidadania paisagística.

O presente artigo propõe apresentar os processos, metodologias e resultados das séries audiovisuais e multimédia desenvolvidos no âmbito do Museu da Paisagem.

**Palavras-chave:** Museu; Paisagem; Comunicação; Participação; Cidadania.

**LANDSCAPE MUSEUM:  
A PARTICIPATORY PLATFORM, GENERATOR OF KNOWLEDGE,  
REPRESENTATIONS AND DIALOGUES ABOUT THE LANDSCAPE**

Helena Figueiredo Pina, João Gomes de Abreu,  
Maria João Centeno and Ricardo Pereira Rodrigues

**Abstract:** The collective understanding of what is called Landscape comes from areas of knowledge as diverse as Geography, Philosophy, Art, Ecology or Communication and from what each individual builds from their daily experience. Since most individuals are not scholars or landscape specialists, it is possible to identify and analyze some of the main opinion makers and transformers of the meaning of Landscape.

Fictional cinema, documentary cinema, television production (documentaries, fiction and information), photography (through media, books, travel guides, tourism campaigns, exhibitions, social media, etc.), drawing, illustration, infographics and other modes of recording and representing landscape contribute together to the construction of this collective understanding of the Landscape. In the research project “Narratives and Experience of the Place: Bases for a Landscape Museum”, there were several options for registering and representing the landscape used in the museological mediation content developed. Series of video, photography and illustration contributed to different communication solutions created in the sense of raising awareness and education for landscape citizenship.

This article proposes to present the processes, methodologies and results of the audiovisual and multimedia series developed within the scope of the Landscape Museum.

**Keywords:** Museum; Landscape; Communication; Participation; Citizenship.

**MUSEU DA PAISAGEM:**

**UMA PLATAFORMA PARTICIPATIVA E GERADORA DE CONHECIMENTO,**

**REPRESENTAÇÕES E DIÁLOGOS SOBRE A PAISAGEM**

Helena Figueiredo Pina, João Gomes de Abreu,  
Maria João Centeno e Ricardo Pereira Rodrigues

**INTRODUÇÃO**

O carácter transversal da paisagem permite que o seu estudo cruze áreas tão diversas como a Geografia, Filosofia, Arte, Ecologia ou Comunicação. Diferentes domínios do conhecimento têm trabalhado os temas da paisagem nas suas múltiplas especificidades, produzindo um saber complexo em permanente evolução. Este debate, reflexão e análise continuados têm permitido uma progressiva densificação, mutação e diversificação dos conceitos de paisagem.

A par dos estudos especializados, cada indivíduo, através da sua experiência quotidiana, vai também construindo o seu entendimento sobre paisagem e contribuindo, à sua medida, para a construção de um entendimento coletivo sobre o que designamos de Paisagem. Não sendo a maioria dos indivíduos estudiosos ou especialistas em paisagem, surge a questão sobre quais serão as principais fontes de referência para a construção desse entendimento. Será uma construção baseada num conhecimento empírico, um conceito assimilado culturalmente, uma aprendizagem académica ou através de informação veiculada pela comunicação social e pelos *media* digitais? Provavelmente, como em todos os temas complexos, não haverá uma única fonte e serão vários os fatores e influências que contribuem para esse entendimento coletivo. Contudo, será possível identificar e analisar alguns dos principais construtores de opinião e transformadores do significado de “paisagem”.

O cinema ficcional, cinema documental, produção televisiva (documentários, ficção e informação), fotografia (através da comunicação social, de livros, de guias de viagem, de campanhas promocionais de turismo, de exposições, de *social media*, etc.), desenho, ilustração, infografia e outros modos de registo e representação da paisagem contribuem, em conjunto, para a construção desse entendimento coletivo sobre a paisagem. Neste sentido, é pertinente conhecer em detalhe o modo como cada uma das linguagens audiovisuais e respetivos géneros têm abordado o tema da paisagem e quais os principais contributos para a sua construção e transformação do modo como é compreendida. Em certa medida, esta questão permite a abertura de uma vasta área de estudo sobre o registo, a representação e a comunicação da paisagem, dentro da qual serão múltiplas as linhas de investigação a seguir.

No projeto de investigação “Narrativas e Experiência do Lugar: Bases para um Museu da Paisagem” (LISBOA-01-0145-FEDER-023382), desenvolvido por uma equipa multidisciplinar de investigadores da Escola Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa, em parceria com o Instituto Politécnico de Santarém, o Instituto Politécnico de Castelo Branco e a empresa STRIX, Ambiente e Inovação, foram várias as opções de registo e representação da paisagem utilizadas nos conteúdos de mediação museológica desenvolvidos. Séries de vídeo, fotografia e ilustração contribuíram para diferentes soluções de comunicação criadas no sentido de uma sensibilização e educação para uma cidadania paisagística.

O presente artigo propõe apresentar os processos, metodologias e resultados das séries audiovisuais e multimédia desenvolvidas no âmbito do Museu da Paisagem (MdP). O MdP, enquanto plataforma participativa e geradora de conhecimento, representações e diálogos sobre a paisagem, cria importantes desafios do ponto de vista curatorial. Pretende-se com este museu digital um aprofundamento do conhecimento, das perceções e dos afetos relacionados com a paisagem, através de uma conceção cuidadosa do modo como os seus elementos são mostrados, da representação de diferentes temas e experiências dos lugares e das condições subjacentes à interação do público com a plataforma.

## **1 - MUSEU UBÍQUO**

A coincidência entre os limites físicos do edifício de um museu e os limites do próprio museu permite uma construção muito nítida da sua geografia. Porém, uma grande parte dos museus já não existe e não acontece apenas dentro do seu edifício. Além de uma possível dispersão física do edifício em múltiplos núcleos, o desenvolvimento de atividades fora do seu espaço e as inúmeras possibilidades de representações digitais alteraram a geografia dos museus, tornando-a cada vez

mais complexa e distante da sua representação arquitectónica. Na verdade, hoje, um edifício não será uma condição essencial para a criação de um museu. Obviamente que, para certos acervos, terão de continuar a existir edifícios contentores das coleções, mas um museu poderá estar presente em vários edifícios, de forma difusa, ou mesmo adotar o modelo nómada das exposições itinerantes.

Complementarmente, há uma crescente desmaterialização da atividade museológica, que torna ainda mais complexa a definição dos limites de um museu. A interação entre um museu e o seu público poderá acontecer em inúmeros espaços que não os das suas instalações, podendo iniciar-se, por exemplo, numa escola, através da realização de um ateliê, numa livraria, numa sala de cinema ou num espaço exterior. Como de diferentes interações resultam diferentes perceções e imagens, um dos novos desafios com que se debatem os museus reside na sua capacidade de comunicarem de forma clara e coerente. O reconhecimento do museu adquiriu uma dimensão intangível que importa formalizar, para que este não desapareça na consequência da sua própria natureza difusa.

A mediação de um património cultural ou natural associado a um território tem, do ponto de vista da comunicação, essa dificuldade acrescida na relação com os públicos, que se prende com a condição difusa no espaço do valor patrimonial. Esta dispersão torna mais difícil a comunicação com os públicos, quando comparada com espaços museológicos tradicionais, onde os visitantes percorrem um espaço expositivo controlado e finito.

Não estando a atividade de um museu dependente da pré-existência de um edifício, qualquer território pode ser trabalhado como espaço museológico, museu esse que, entre outras funções, assegurará a mediação entre públicos e um determinado valor territorial. Este museu-território poderá ter de se relacionar com um visitante que circula por longos itinerários e espaços não delimitados. Nestes casos, o museu ultrapassa os limites físicos existentes no tradicional edifício e as novas práticas museológicas confrontam-se com o desafio de uma comunicação ubíqua.

É neste contexto que surge o Museu da Paisagem, um projeto que propõe a criação de uma plataforma de mediação entre a paisagem e a população de um território. Esta abordagem parte de um entendimento amplo de Paisagem à qual estão associadas componentes não só de natureza objectiva/ tangível/ material, mas também de ordem subjetiva, considerando-se todo o tipo de participações e perceções dos diferentes atores de uma paisagem (naturais, construídas ou conceptuais). Esta Plataforma de cariz museológico congrega em si uma grande parte da complexidade dos desafios da

museologia contemporânea. Como comunicar um museu que trabalha um património difuso, ubíquo, imaterial ou intangível?

## **2 - MUSEU DA PAISAGEM**

São tantos os caminhos que se abrem perante os desafios de um Museu da Paisagem que a sua concretização tem tanto de fascinante como de inquietante. A simples junção das palavras “museu” e “paisagem” é suficiente para desencadear uma complexa teia de pensamentos, relações e contradições. Dessa tensão, entre uma paisagem que se quer museu e de um museu que se quer paisagem, podem resultar para ambos novos entendimentos e propostas. Um museu aberto, ubíquo, difuso, quotidiano, participado. Uma paisagem viva, habitada, saudável, responsável, cidadã. De certo modo, idealmente, os museus deveriam ser um pouco mais como as paisagens, vivos, habitados e coletivos, e as paisagens deveriam ser um pouco mais como os museus, espaços de memória, identidade e cultura. Talvez este encontro proposto pelo Museu da Paisagem permita uma aproximação entre ambos.

O Museu da Paisagem é um museu com sede digital dedicado à paisagem. Surge no contexto de uma sensibilização e educação para uma cidadania paisagística que, tal como a própria paisagem, têm de resultar de um processo contínuo e coletivo. Este processo quer-se plural e não assegurado por uma só voz, uma vez que é uma responsabilidade de todos os protagonistas da esfera pública. É neste contexto que surge esta proposta de mediação museológica como eixo de valorização, proteção e construção de paisagens sustentáveis.

Porém, a musealização da paisagem encerra em si um desafio enorme. Desde logo pela impossibilidade de se colocar a paisagem num edifício, para ser exposta e visitada como num museu tradicional. Por outro lado, por a paisagem resultar de um sistema vivo, de uma interação permanente entre fatores humanos e naturais, não sendo por isso estática e estando em permanente transformação. O que é inventariado e registado num dia já não será exatamente igual no dia seguinte e, por vezes, fruto de uma transformação abrupta, uma paisagem dá lugar a outra num curto espaço de tempo. Simultaneamente, há ainda as questões da perceção, porque a paisagem também depende do modo como a apreendemos, havendo por isso tantas paisagens como o número de pessoas que as leem. Ou seja, a musealização da paisagem implica uma presença ubíqua e uma capacidade de mediar um valor vivo, dinâmico, por vezes abstrato e intangível. Como responder a este desafio?

O protótipo de Museu da Paisagem parte então de um conceito de museu-território, que o visitante terá de percorrer e ler, auxiliado por várias soluções de mediação presentes ao longo da visita. Assim,

para este modelo de musealização da paisagem, há que, num primeiro momento, assegurar a presença e reconhecimento do mediador, do museu que se apresenta como interlocutor entre um público e uma paisagem.

### 3 - Museu Interface

O desafio de materializar uma proposta de mediação da paisagem num contexto Web exige uma reflexão sobre como implementar um projeto que, pela sua natureza, não se aproxima das experiências digitais mais convencionais. As ferramentas e estruturas, que, em muitas situações, facilitam o desenvolvimento de projetos digitais, podem não apresentar vantagens na conceção de projetos com especificidades únicas. Assim, a singularidade da plataforma Museu da Paisagem, enquanto proposta de mediação, fica também espelhada nos processos da sua construção.

Perante a ideia de um museu difuso, sem edifício, que trabalha questões complexas, por vezes abstratas e intangíveis, associadas à paisagem, o programa de criação da sede *online* do Museu da Paisagem teve por base o uso de uma linguagem muito concreta, facilmente associada ao conceito tradicional de museu. O ponto de partida foi um código de linguagem comum, usualmente utilizado pelos museus, que permita ao visitante um reconhecimento do espaço *online* como um espaço museológico. Este espaço é a principal interface para o reconhecimento do Museu enquanto entidade mediadora, é a “âncora” que garante uma ligação permanente entre o Museu e o seu público. As questões da comunicação assumem aqui uma outra relevância no contexto museológico, no sentido em que, além do entendimento de um museu sediado na sua coleção ou de um museu sediado no seu edifício, como é mais usual, é agora possível assumir a ideia de um museu sediado na comunicação.

Deste modo, procurando traduzir para o meio digital a linguagem do espaço arquitectónico dos museus tradicionais, o sítio Web do Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/>) apresenta-se na sua página de entrada como uma ampla fachada com telas horizontais que anunciam as principais exposições e atividades da programação do museu (Fig. 1). O visitante pode entrar diretamente nas exposições e outros destaques através destas telas (*banner*) ou fazer *scroll* e passar para a área correspondente ao átrio do museu (Fig. 2). Aqui encontra sugestões de programação, agenda e informação mais detalhada sobre as exposições em exibição. No topo da página existe um menu, sistema de sinalética do edifício, que indica ao visitante o caminho para os diferentes espaços do museu. Neste menu existe ainda um mapa, que permite a localização espacial dentro do território português dos pontos de visita (Fig. 3).

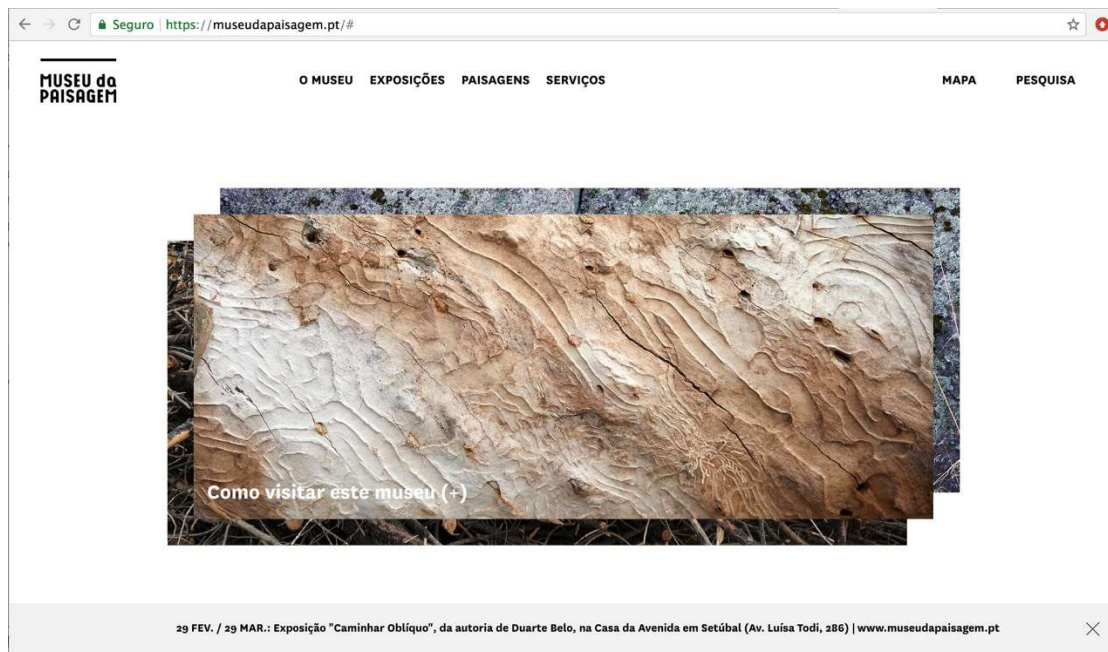


Fig. 1: Página de entrada, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/>)

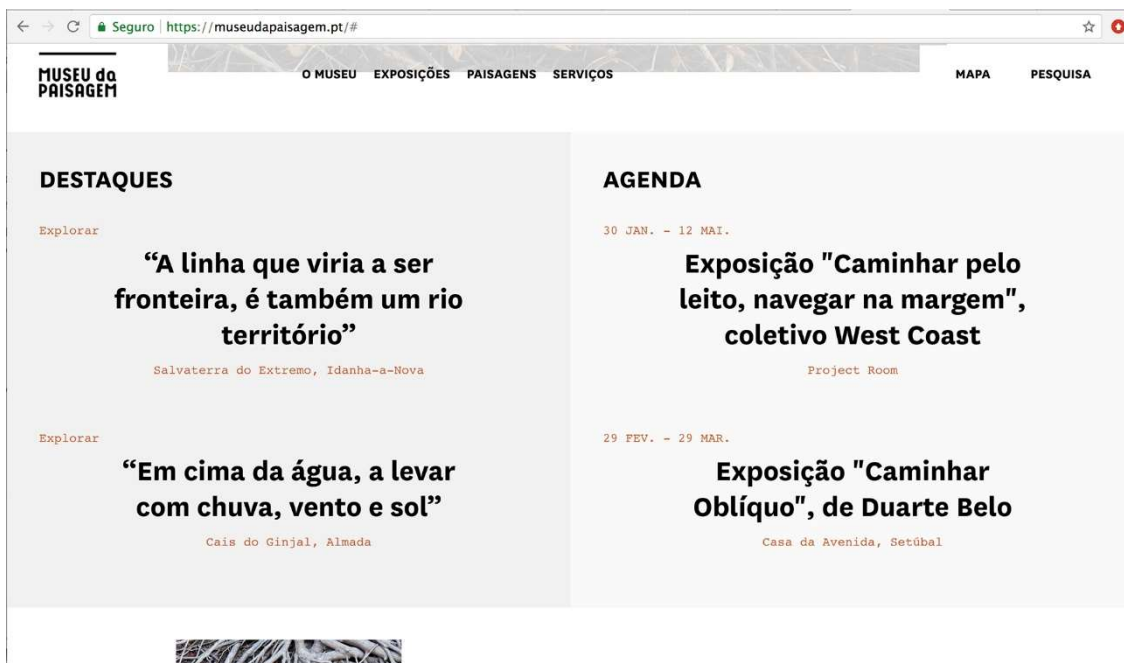


Fig. 2: Sugestões de programação, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/>)

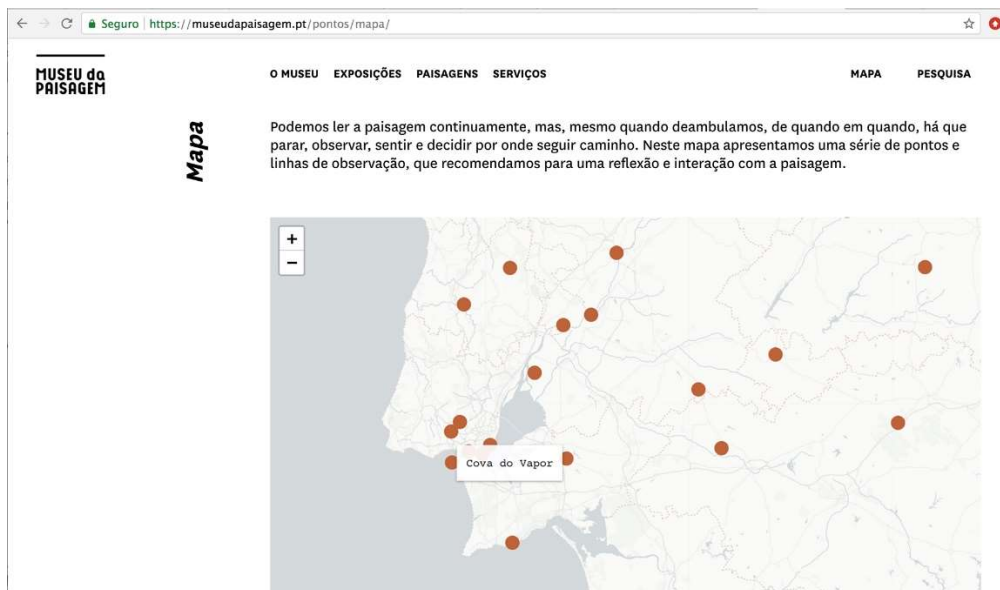


Fig. 3: Mapa, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/pontos/mapa/>).

A partir do átrio do Museu (página de entrada), o visitante pode seguir para uma das salas de exposições (Fig. 4), para os serviços do museu - “serviço educativo”, “mediateca” e “biblioteca” (Fig. 5) - ou para áreas mais funcionais (Fig.s 6, 7 e 8), a que correspondem o arquivo (menu “paisagens” > “explorar”), o auditório (menu “paisagens” > “filmar a paisagem”) ou os laboratórios de investigação (menu “o museu” > “investigação”). O Museu promove também uma rede de parceiros, voluntários e associados com quem colabora em diferentes projetos (Fig. 9).



Fig. 4: Exposições, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/expos/>).



Fig. 5: Serviço Educativo, Museu da Paisagem ([https://museudapaisagem.pt/Servico\\_educativo/](https://museudapaisagem.pt/Servico_educativo/))

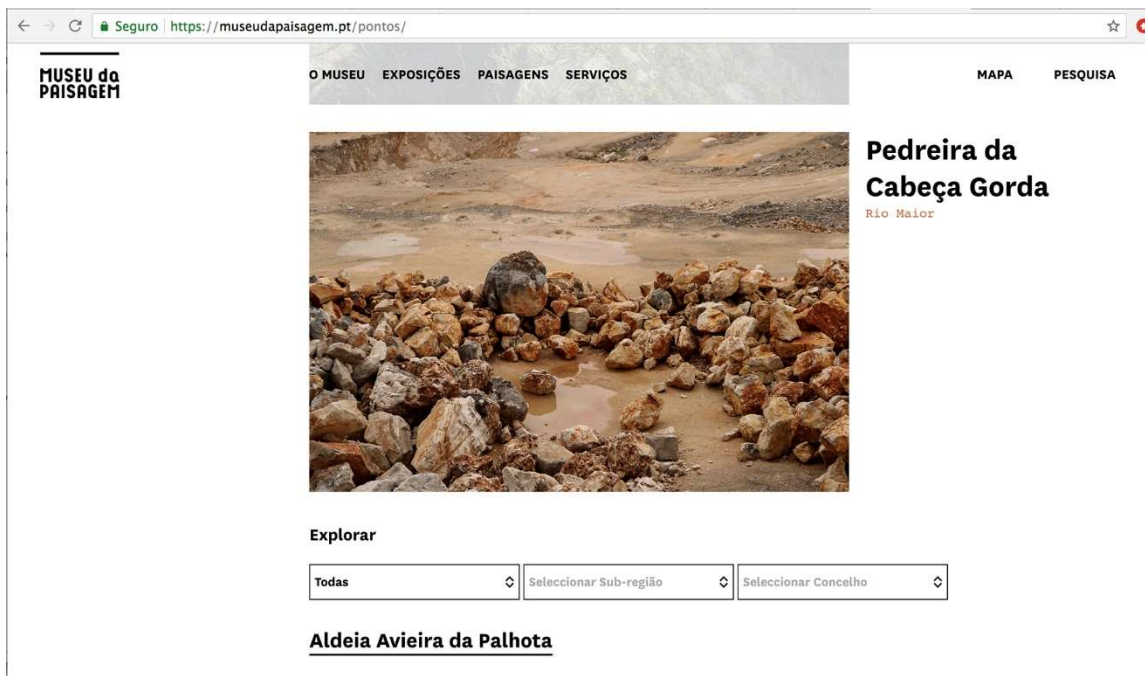


Fig. 6: Explorar a Paisagem, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/pontos/>)

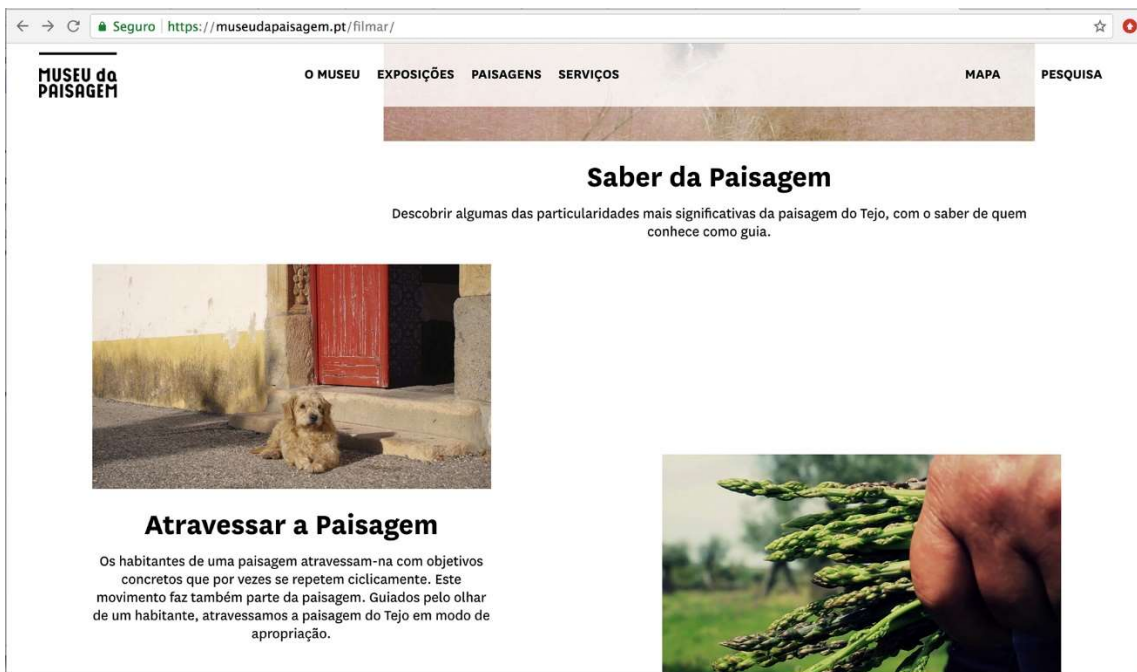


Fig. 7: Filmar a Paisagem, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/filmar/>)



Fig. 8: Investigação, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/filmar/>)

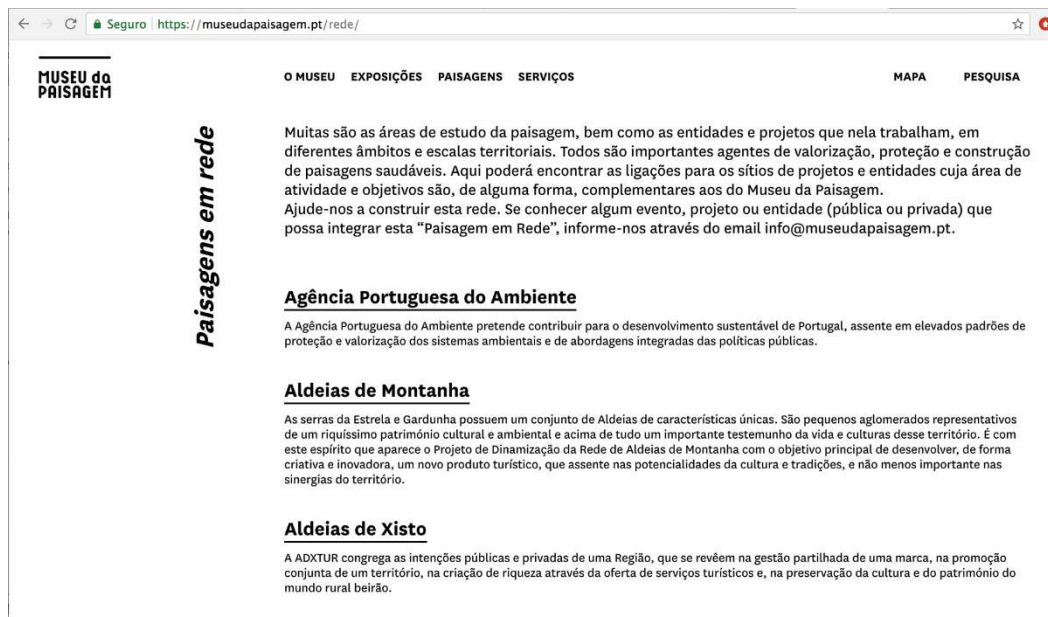


Fig. 9: Paisagens em rede, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/rede/>)

Esta sede digital funciona assim como um “museu de bolso”, acessível a partir de um ecrã de telemóvel, *tablet* ou computador, permitindo uma interface rápida entre os conteúdos do museu, o seu público e a paisagem.

#### 4 - MUSEU TERRITÓRIO

O Museu da Paisagem é, na sua génese, o resultado do projeto de investigação “Narrativas e experiência do lugar: bases para um Museu da Paisagem” (LISBOA-01-0145-FEDER-023382), financiado por Fundos Europeus Estruturais e de Investimento (FEEI), Programa Operacional Competitividade e Internacionalização e Programa Operacional Regional de Lisboa, e pelo Orçamento de Estado, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Este projeto de I&D foi desenvolvido por uma equipa de investigadores da Escola Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa, em parceria com o Instituto Politécnico de Santarém, o Instituto Politécnico de Castelo Branco e a empresa STRIX - Ambiente e Inovação, sediada em Carcavelos.

Propondo-se trabalhar as questões da mediação da paisagem, e não sendo possível, numa fase inicial, o desenvolvimento do projeto em todo o território português, foi necessário definir o espaço territorial de atuação do museu. O Museu da Paisagem, apesar de ter sede digital, não pretende ser um museu virtual, mas sim um museu-território que o visitante é convidado a atravessar. Deste modo, tendo em conta a localização geográfica dos vários parceiros e sendo então necessário definir um território para o desenvolvimento do projeto, entendeu-se adotar como eixo narrativo da paisagem a trabalhar a linha do Tejo.

Assim, como estratégia para alcançar os objetivos propostos optou-se por uma abordagem inicial ao território geográfico visível de três pontos de observação. Os três pontos de observação seguiriam a linha do Tejo, correspondendo a cada uma das três capitais de distrito que acompanham o rio: Castelo Branco (Tejo Internacional); Santarém (Lezíria do Tejo); Lisboa (Estuário do Tejo). Deste modo, simbolicamente, o Museu da Paisagem emerge do Tejo, rio estruturante da paisagem portuguesa, espaço de charneira entre o Portugal Atlântico e o Portugal Mediterrâneo de Orlando Ribeiro.

Foi a partir destes três pontos de observação que se fez a recolha das diferentes narrativas de paisagem contidas nesse território, necessárias para a construção de conteúdos museológicos e de mediação. Porém, iniciado o desenvolvimento do Projeto, a equipa de investigação confrontou-se com uma perspectiva redutora da paisagem do Tejo, na medida em que uma paisagem é formada por um sistema ecológico, social e cultural que vai muito além da linha do rio. Nesta medida, não sendo rigoroso comunicar a paisagem de um rio apenas ao longo da sua linha de água, optou-se por alargar o território de estudo para a área da bacia hidrográfica do Tejo. Com este alargamento do território foi também necessário aumentar o número de pontos de observação, de modo a conseguir uma representatividade das diferentes paisagens do Tejo.

Após o protótipo desenvolvido a partir do território Tejo será necessário alargar o projeto a novos territórios, procurando uma cobertura de todo o espaço nacional o mais exaustiva possível. A metodologia adotada permitiu a identificação do “ponto”, da “linha” e do “plano” como importantes elementos de partida para uma abordagem às questões da paisagem. O ponto corresponde ao momento em que o visitante pára e está disponível para ler, ver, ouvir, interagir sobre um determinado assunto. A linha corresponde ao itinerário de visita, que, ao atravessar o espaço, permite ao visitante uma experiência mais completa da paisagem. Por fim, o plano, a que corresponde o território onde a paisagem acontece e o próprio espaço do museu - Museu Território.

## **5 - MUSEU NARRATIVA**

Uma paisagem encerra em si uma complexa rede de narrativas criadas pelos diferentes atores do seu território. Estas narrativas coabitam de um modo mais ou menos harmonioso consoante os níveis de articulação ou tensão do território, não só no que respeita às questões ambientais mas também no que se refere às dimensões económicas, culturais e sociais. A perceção do valor de cada uma destas “camadas” de paisagem por todos os seus agentes é uma condição essencial para a construção de um conjunto sustentável. Neste sentido, no desenvolvimento do projeto “Narrativas e Experiência do Lugar: bases para um Museu da Paisagem”, procurou-se identificar o maior número de narrativas e relações entre os diferentes elementos e protagonistas de uma paisagem. Mais do que paisagens notáveis ou classificadas, procuraram-se exemplos que permitissem a abertura de um espaço de

diálogo sobre a paisagem e suas relações com os vários atores de um território e, desta forma, conseguir sensibilizar para a criação de paisagens sustentáveis.

Delimitado o Território-Tejo, pelos limites da bacia hidrográfica em território português, iniciou-se o processo de análise da paisagem aí existente. As soluções de mediação pretendidas implicaram a identificação de uma série de pontos e de linhas de observação da paisagem, para a qual se seguiu a seguinte metodologia:

- a) Consultores e especialistas: A investigação contou com a colaboração de vários consultores e especialistas em diferentes áreas de conhecimento relacionadas com a paisagem. Tendo por base a sua experiência e conhecimento adquirido sobre o território português foi criada uma lista de pontos de paisagem com potencial interesse para o projeto.
- b) Análise cartográfica: A cartografia contém uma série de informação que nos permite uma leitura prévia da paisagem existente. Desde a orografia, às linhas de água, coberto vegetal, apontamentos geológicos, povoações, redes viárias, toponímia, etc., são vários os elementos que nos permitem assinalar potenciais pontos e linhas de observação de paisagem.
- c) Análise bibliográfica: Embora com diferentes abordagens e critérios, são várias as obras onde se podem encontrar referências relevantes sobre a paisagem portuguesa, desde unidades de paisagem propriamente ditas até monumentos naturais ou património construído com valor paisagístico. Nesta análise valorizaram-se algumas obras de referência, nomeadamente guias, inquéritos e inventários realizados sobre o território e património portugueses, nomeadamente os “Guias de Portugal” da Fundação Calouste Gulbenkian (1924-1969), “Arquitectura Popular em Portugal” (1961), “Portugal o Sabor da Terra” (1997), “Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental” (2002) e “Portugal Património” (2008).
- d) Consulta *online*: Para cada um dos municípios que integram o território em estudo, foi realizada uma pesquisa *online* sobre possíveis pontos de paisagem ainda não identificados. Os sítios consultados nesta pesquisa variaram entre os diferentes municípios, concentrando-se essencialmente nos sítios web das autarquias, sítio web da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) e portais de turismo.
- e) Saídas de campo: Durante as visitas aos pontos de observação previamente identificados foi também realizado um reconhecimento presencial da paisagem existente e identificação de novos pontos e linhas de observação de paisagem ainda não sinalizados.

Neste período de trabalho foram identificados 1665 pontos e linhas de observação de paisagem, dos quais 757 foram visitados e registados e 52 trabalhados no desenvolvimento de conteúdos de mediação audiovisuais e multimédia.

## 6 - MUSEU ARQUIVO

Não sendo possível visitar todos os pontos e linhas identificados, dentro do tempo e recursos do projeto, foi realizada uma pré-seleção de 757 pontos a visitar. Esta seleção teve em conta a diversidade de paisagens (evitando elementos ou situações muito semelhantes), a facilidade de acesso (alguns dos pontos identificados não têm acesso automóvel), a singularidade e importância no contexto do território em estudo.

As saídas de campo iniciais permitiram, em média, uma visita de 20 pontos de observação de paisagem, dos quais foi realizado um registo fotográfico breve. Analisada a informação recolhida foram selecionados os 52 pontos sobre os quais vieram a ser desenvolvidos os conteúdos para a mediação entre os públicos e a paisagem. Esta seleção teve em conta, uma vez mais, a diversidade de paisagens, a singularidade e importância territorial, bem como a sua dispersão geográfica, garantindo presença de pontos nas principais zonas do território. Estes 52 pontos voltaram a ser visitados para novos registos fotográficos, registos sonoros, registos vídeo, entrevistas e escrita.

Toda a documentação recolhida foi catalogada e arquivada para consultas futuras. O arquivo fotográfico e audiovisual adotou um código para cada documento que permite identificar o número da carta militar em que se insere a coordenada de localização; o número do ponto de observação; a data do registo e o autor do registo (ex.: 351\_L004\_2018\_03\_26\_JSG). Cada ficheiro está arquivado numa estrutura de pastas, organizada por nome do ponto, município e região NUT (ex.: Nascente do rio Zêzere > Manteigas > Beiras e Serra da Estrela > Centro > Portugal).

## 7 - MUSEU ABERTO

O Museu da Paisagem tem sede *online*, mas não é um museu virtual. Os registos e leituras de paisagens apresentados não substituem as suas correspondentes reais. Procurou-se que os visitantes tenham contacto com o real, que atravessem a paisagem, a sintam, a explorem e a habitem. Os conteúdos que se podem encontrar no museu serão sempre complementares à sua visita. Contudo, não se pretendeu fornecer apenas um conjunto de factos e informação técnica de apoio às visitas, mas ser também mediador, acompanhar o visitante ao longo de um percurso, de uma viagem, na qual se partilham experiências, sensações, pensamentos, leituras e interpretações de paisagem.

Deste modo, partindo das diferentes linguagens adotadas e respetivos registos realizados, foram desenvolvidas diferentes soluções de mediação, que se concretizam nos seguintes produtos e serviços:

a) Exposições. Foram desenvolvidas ao longo dos 18 meses do projeto cinco exposições, três em ambiente digital e duas em formato físico. Cada uma das exposições procurou diferentes soluções curatoriais, respondendo a diferentes objetivos e públicos. Posteriormente, foi ainda aberto um outro espaço para projetos curatoriais digitais designado de *Project Room*.

A exposição física *A experiência do lugar: Olhares e registos da paisagem* (30 de novembro de 2017 a 12 de janeiro de 2018 na Escola Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa - ESCS-IPL) foi um projeto piloto de procura de novos modelos de abordagem à paisagem, desenvolvido a partir da exploração, registo e leitura de uma pequena unidade de paisagem. A exposição propôs uma rede de pontos de paisagem que se cruza com uma rede de palavras. Este conceito viria a ser novamente trabalhado na exposição digital *Mapas de palavras: itinerários temáticos no território Tejo* (<https://museudapaisagem.pt/expos/detail/4>), onde agora se propõe uma visita através de itinerários temáticos. Esta segunda exposição desenha olhares e leituras sobre o Tejo que o decifram à luz dessa rede de palavras, sugerindo itinerários experimentais e poéticos abertos à imaginação e participação do público (Fig. 10).

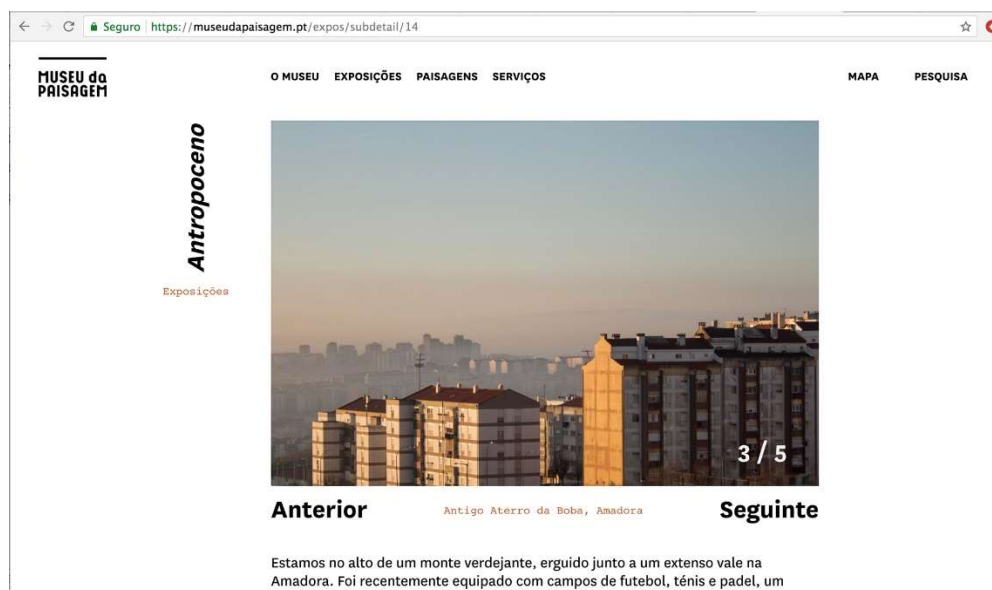


Fig. 10: Exposição *Mapa de Palavras* (<https://museudapaisagem.pt/expos/detail/4>)

Paralelamente, foram desenvolvidas outras três exposições, explorando diferentes linhas curatoriais: A exposição *O que há neste lugar?* (<https://museudapaisagem.pt/expos/detail/1>) apresenta-se como um guia de exploração da paisagem que pretende cultivar a literacia e a cidadania paisagística nos públicos mais jovens, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes de curiosidade, encanto, cuidado e responsabilidade pela paisagem (Fig. 11);

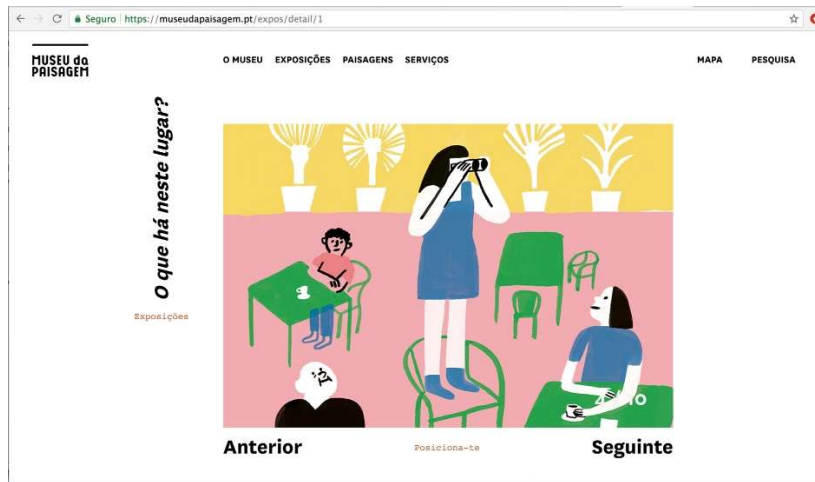


Fig. 11: Exposição *O que há neste lugar?* (<https://museudapaisagem.pt/expos/detail/1>)

A exposição *Sons e matérias da paisagem* (<https://museudapaisagem.pt/expos/detail/2>) oferece uma experiência interativa na qual o público navega em duas sequências fotográficas, podendo combinar imagens entre si e observar montagens visuais, que mergulham nas qualidades das matérias das paisagens do Tejo, ao som do canto das suas aves (Fig. 12);

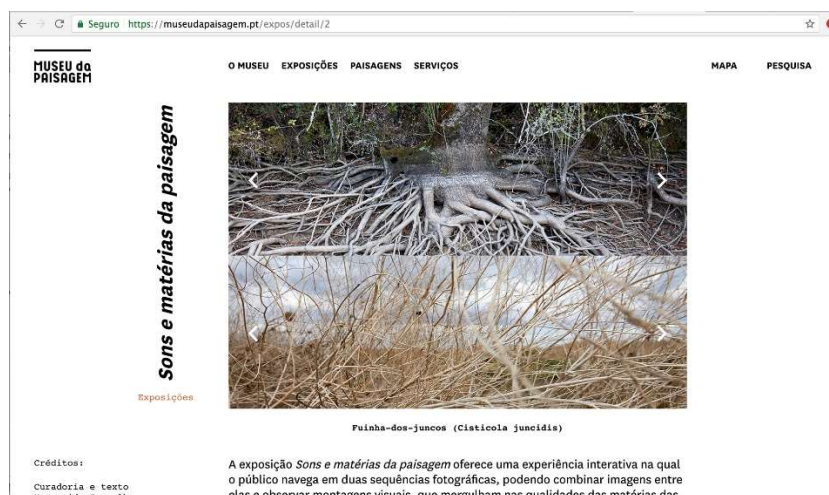


Fig. 12: Exposição *Sons e matérias da paisagem* (<https://museudapaisagem.pt/expos/detail/2>)

A exposição coletiva *Texturas impermanentes: paisagens do Tejo* (11 de abril a 3 de maio de 2018 na ESCS-IPL) reúne um conjunto de fotografias realizadas em vários dos pontos de observação de paisagem escolhidos, desafiando o visitante para um diálogo *transmedia* entre os conteúdos analógicos e digitais.

O espaço *Project Room* (<https://museudapaisagem.pt/project-room/>) acolhe projetos de investigação e criação artística dedicados aos temas da paisagem e do território. Destacando a dimensão exploratória e uma abordagem multidisciplinar na sua programação, as exposições *Project Room* têm

uma duração quadrimestral. A primeira exposição, *Caminhar no leito, navegar na margem* do coletivo *West Coast*, inaugurou em janeiro de 2020 (Fig. 13).

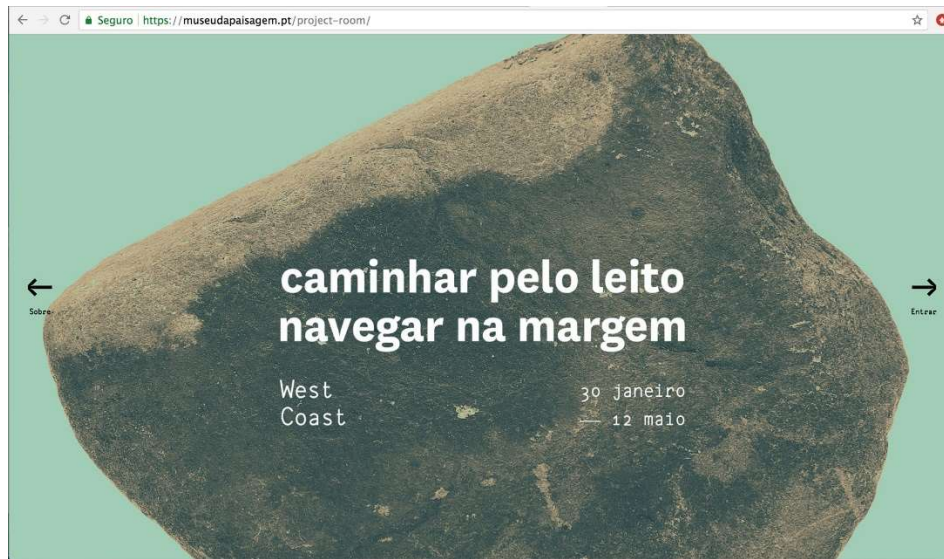


Fig. 13: Project Room, Museu da Paisagem (<https://museudapaisagem.pt/project-room/>)

A exposição *Caminhar pelo leito, navegar na margem* oferece-nos uma composição interativa de imagens de objetos, que ativam sons e vídeos, e que descobrimos inicialmente apenas sob a forma de um fragmento que somos convidados a expandir, navegando em *scroll* horizontal ao longo da superfície do ecrã. Quando há uma transição de um objeto para outro, dá-se uma breve sobreposição dos sons e vídeos, que potencia a experimentação e descoberta, criando-se assim múltiplas paisagens sonoras e visuais, a partir de diferentes interações.

*Caminhar pelo leito, navegar na margem* é da autoria do coletivo *West Coast*, formado por Álvaro Fonseca, Francisco Pinheiro, Laura Marques, Nuno Barroso e Paulo Morais. Este coletivo desenvolve investigação e criação artística em torno do território e das suas várias dimensões, nomeadamente, a estética, a cultural, a social e a ambiental. Os objetos, sons e vídeos que compõem esta exposição foram recolhidos e filmados durante as residências que o coletivo realizou, em outubro e novembro de 2019, em Vila Velha de Ródão e Atenor, que abriram caminhos respetivamente para a exploração das regiões do Tejo e do Douro Internacionais. Estes territórios, ao longo da fronteira entre Portugal e Espanha, têm uma baixa densidade populacional, a sua população encontra-se envelhecida e as atividades de subsistência ou de pequena dimensão, ligadas à terra e aos rios, sofreram uma desvalorização. As residências inserem-se no projeto *Guarda-Rios*, desenvolvido pelo coletivo, que incide sobre os territórios ribeirinhos, aprofundando práticas de investigação, registo, criação artística e partilha que enfatizam o envolvimento com as pessoas e realidades locais.

Seguindo um princípio poético de encontro, que privilegia a estranheza e o inesperado, os objetos que vamos descobrindo, na exposição *Caminhar pelo leito, navegar na margem*, combinam-se com sons e vídeos, independentemente de uma relação de contiguidade espacial que guie estas associações. Deste modo, esta composição interativa imerge-nos numa rede visual e sonora de vestígios do passado e do presente que se abre à exploração imaginária, transformando cada objeto numa interface entre diferentes registos, lugares, afetos e memórias. A descrição factual dos objetos, sons e vídeos e dos lugares, em que estes foram registados, é-nos dada através de uma legenda final, que acrescenta uma nova camada de informação à experiência multissensorial deste projeto.

b) Curtas-metragens documentais. O registo audiovisual realizado pelas várias equipas seguiu um conjunto de critérios pré-definidos no sentido de se criar uma série documental, designada de *Filmar a Paisagem* (<https://museudapaisagem.pt/filmar/>). Esta série consiste num conjunto de 33 curtas com base documental, realizadas ao longo da bacia hidrográfica do Tejo entre março de 2018 e março de 2019. Os episódios diferenciam-se em 4 linhas narrativas, definidas por um dispositivo fílmico particular. Com durações variáveis, cada linha resulta de uma imersão num dado percurso ou relação com a paisagem do Tejo, depois traduzida para uma linguagem audiovisual. Os vídeos de cada uma das tipologias têm durações variáveis, ajustando-se a sua linguagem aos diferentes contextos museológicos, curadoria, públicos e meios de difusão.

c) Publicações. Para um conjunto de 48 locais selecionados da bacia hidrográfica do Tejo, foram realizados 96 textos de leitura e interpretação de paisagem. Estes textos resultam do conjunto de saídas de campo para recolhas de testemunhos e perceções no local e apresentam-se como propostas alternativas de leitura, como por exemplo, levar a experimentar as paisagens de modo polissensorial; considerar uma paisagem banal também como paisagem; ou ainda questionar a passagem do tempo, as marcas que produz na paisagem e na nossa conceção dela. Destes textos resultaram diferentes produtos, estando parte deles publicados em papel, outros em versão áudio através de *podcasts*, ou ainda disponíveis em ecrã através do mapa do Museu da Paisagem.

O livro *Ler a Paisagem: Território Tejo. Itinerários para a implementação da Paisagem* [Abreu, João Gomes/ Pedrosa, Maria Manuel/ Reis, Matilde Delgado (2019) *Ler a Paisagem: Território Tejo*, Lisboa: Museu da Paisagem, ISBN 978-972-97218-2-3] apresenta os textos e imagens recolhidos ao longo de oito itinerários geográficos que percorrem a bacia hidrográfica do Tejo. Pretendeu-se com esta publicação explorar um outro olhar sobre a paisagem deste território, facultando novas perspectivas que possam enriquecer e complementar a sua leitura e interpretação.

Paralelamente foi ainda desenvolvido o livro *O que há neste lugar? Guia de exploração da paisagem* [Pedrosa, Maria Manuel/Estrela, Joana (2019) *O que há neste lugar? Guia de exploração da paisagem*,

Lisboa: Museu da Paisagem, ISBN 978-989-20-9261-4], dirigido ao público em geral a partir dos 10 anos, com os objetivos de criar a consciência do lugar e da paisagem; ajudar a valorizar a paisagem; ajudar a compreender e a interpretar a paisagem; sensibilizar para a vulnerabilidade da paisagem e a responsabilidade individual e coletiva de a gerirmos de forma equilibrada.

d) Aplicação móvel. Foi desenvolvido um protótipo funcional (desenhado e programado de raiz) para uma aplicação móvel (*app*) de apoio à leitura de paisagens designada por “One More Place?”. Esta aplicação é um protótipo funcional de apoio à visita de sítios com valor paisagístico, cruzando informação sobre uma determinada paisagem, a sua localização e a experiência do utilizador.

e) Atividades. Um museu constrói-se na relação com os públicos. A realização de atividades regulares dirigidas a diferentes públicos é essencial para que o Museu da Paisagem cumpra a sua missão. Entre outubro de 2017 e abril de 2019, durante o processo de construção do museu, foram-se ensaiado algumas atividades que se podem vir a desenvolver no futuro. A realização de conferências (*A Experiência do Lugar: olhares e Registos da Paisagem*, conferência inaugural do projeto no dia 30 de novembro de 2017 na ESCS-IPL e *Museu da Paisagem: Narrativas e Experiência do Lugar*, conferência final do projeto no dia 11 de abril de 2019 na ESCS-IPL), ciclos documentais (*Filmar a Paisagem*, com Filipa Rosário, “A paisagem no cinema português”; Chiara Missaggia, sobre o filme “Primeiro Cais”; Catarina Neves, sobre o filme “Estar e fazer na paisagem: Cais do Ginjal”, em maio de 2019 na ESCS-IPL), exposições, workshops (*Olhar o território para compreender a paisagem*, workshop de metodologias para a interpretação e representação do lugar, realizado em outubro/novembro na ESCS-IPL), oficinas (*IMAGINATURE 2019 - VI Festival de Fotografia de Paisagem*, oficinas com alunos do 3.º Ciclo, Ensino Secundário e Ensino Profissional, nos dias 22-24 Novembro em Manteigas), visitas guiadas (*Serra da Estrela*, registo escrito e fotográfico do *Covão d’Ametade*, *Covão Cimeiro*, *Lagoas de Chancas*, *Lagoa do Peixão*, *Vale da Candeeira* e *Vale de Manteigas*, agosto de 2018) e residências paisagísticas (*Sair para pensar a Paisagem*, residência em Oledo/Idanha-a-Nova em março de 2018) são algumas das atividades desenvolvidas durante este período.

## **8 - MUSEU INFINITO**

A sede online do Museu da Paisagem apresenta-se essencialmente como um ponto de encontro. Um local que informa sobre atividades a decorrer, onde se recomendam livros e filmes sobre paisagem. Um repositório de pontos e linhas de observação de paisagem, com imagens e textos que ajudam na sua leitura. Um espaço de exposição e reflexão para autores que trabalham o tema da paisagem. Um portal de ligação a uma Paisagem em Rede, com projetos e entidades que a trabalham sob diferentes âmbitos, escalas e territórios. E um arquivo que, com o tempo, nos dará conta das transformações da paisagem portuguesa.

Iniciada a leitura da paisagem, levanta-se uma nova questão: onde termina a paisagem? Na verdade, a paisagem é infinita, podemos percorrê-la sem fim, pois mesmo quando após um longo percurso regressamos ao ponto inicial, é já outra a paisagem que encontramos à chegada. Cabe a todos nós, habitantes e construtores de paisagens, contribuir para uma transformação sustentável dessas paisagens.